

3

Konstandinos Kavafis entre o exílio do espaço e o exílio do tempo

3.1.

O peso das glórias ou Grécia e helênicos contemporâneos

Kavafis era poeta grego, porém nascera no Egito e deitava suas raízes familiares na antiga comunidade grega de Constantinopla, em termos mais contemporâneos: Istambul. Apresentar Kavafis dessa forma pode confundir muitos dos filhos do novo mundo, onde *o jus solis*, o direito do solo, é muito mais do que uma noção jurídica. O *jus solis* ultrapassa o jurídico, pois é um dos componentes de nossa ideia de identidade e origem – pelo menos para a grande maioria das gentes dos jovens “povos” das Américas.

Mas, para esses outros antigos povos, que há séculos convivem com as mais diversas etnias, sem perder a noção de diferença e de identidade, o pertencimento a uma cultura extrapola o fato de se ter nascido dentro das limitações geográficas, fisicamente estabelecidas, de um território. A complexa situação, digamos identitária e cultural, de Kavafis nos leva à própria complexa realidade do povo grego que se espalhava pelas costas do mediterrâneo oriental.

Quando o Estado Grego tem sua existência reconhecida oficialmente, em 1830, a maior parte do povo helênico não é abarcada pelas fronteiras do novo país. Segundo Clogg⁴⁵, no momento em que começa a guerra de independência, menos de um terço da população grega do Império Otomano residia dentro dos limites do que logo haveria de se tornar o Estado Grego. O novo Estado soberano era muito menor do que a Grécia que conhecemos hoje, compreendendo somente a região do Peloponeso (Morea), da Ática, do norte do Golfo de Corinto, da ilha da Eubeia e do arquipélago das Cíclades. É, pouco a pouco, com o passar das décadas, que a Grécia vai assumindo o desenho que atualmente podemos identificar com clareza, e até mesmo com aparente naturalidade, nos mapas da União Europeia. Mas, ainda assim, podemos afirmar que o traçado das fronteiras gregas nunca abarcaria a totalidade das grandes concentrações populacionais grecófonas. Antes de mais nada, é mister fazer uma diferenciação, para tal nos basearemos, em linhas gerais, na divisão apresentada por Hadziiossif. Ainda que

⁴⁵ CLOGG, Richard: **História de Grecia**. p.53

ele esteja a tratar do período em que o Estado Grego já havia feito sua independência, a distribuição da população continuou a mesma. Os significativos deslocamentos da população somente se dariam bem mais tarde, já no século XX, após o término da Primeira Guerra Mundial. Mesmo retirando os princípios gerais de Hadziiossif, faremos uma adaptação de seu esquema. Estamos inteiramente de acordo com esse historiador, porém, como bem sabemos, a diferentes perguntas cabem diferentes respostas. Um pouco mais à frente explicitaremos melhor o porquê de nossa escolha, mas antes compreendamos, por alto, como era a distribuição das gentes de língua e cultura helênica

Havia dois tipos dessa presença nas imediações do Mediterrâneo Oriental: o primeiro que se estendia pelas tradicionais regiões gregas do extremo Sul da Península Balcânica (Peloponeso, Ática, Beócia, Tessália, Epiro, ilhas do Mar Jônico), em palavras mais objetivas, aproximadamente, o que é a moderna República da Grécia; além da capital do Império Otomano — aquela que sempre será, para os gregos, não Istambul, mas Constantinopla, cidade cheia de simbolismos e sugestões históricas que, mais à frete, havemos de ver com um pouco mais de vagar — e as costas da Ásia Menor, ou seja, o litoral mediterrânico da atual Turquia, com o seu florescente porto de Esmirna, a Jônia dos tempos antigos., lugar onde se deu o que ficou conhecido como “milagre grego”: berço da poesia épica homérica e dos pré-socráticos, costas povoadas de helenos desde os longínquos movimentos de imigração do final do segundo milênio a.C., muito antes das tribos turcas atingirem, em meados do ano 1000 da era cristã, as fronteiras orientais do Império Bizantino. Em síntese assim configura-se o primeiro tipo: a Grécia continental, Constantinopla e as costas da Ásia Menor. Nas próprias palavras de Hadziiossif:

A primeira categoria compreende as populações gregas de certas regiões do Império Otomano nos Bálcãs e na Ásia Menor, como nas ilhas (Mar Egeu, Creta e Chipre) A esses gregos que viviam no Império Otomano, é preciso acrescentar os habitantes das ilhas jônicas que de 1814 até 1864 estavam sob protetorado britânico. **As populações gregas dessas regiões são essencialmente autóctones e a imigração, que aconteceu no transcurso do século XVIII e do XIX, não desempenha um papel determinante na evolução demográfica. Essas populações representam a maioria dos habitantes da região ou uma minoria étnica substancial.** A estratificação social corresponde às estruturas econômicas e sociais da região; ela se caracteriza por uma forte percentagem de população rural. Tais populações constituem a base objetiva do irredentismo grego – a Grande Ideia

– que desempenha um papel determinante na vida política do país até 1922.⁴⁶ (A tradução e os grifos são nossos.)

Já o segundo tipo dessa presença eram os territórios, onde os gregos se estabeleceram relativamente em tempos recentes. Nessas regiões, não poderíamos considerá-los uma população autóctone, mas sim uma comunidade de imigrantes estrangeiros, entre outras. Tanto os Kavafis quanto os Fotiadis, a família materna de nosso poeta, procediam de lugar que se enquadraria no primeiro tipo, como já dissemos: Constantinopla. Já o próprio Kavafis viera ao mundo em uma cidade que fazia parte do segundo grupo, a mítica Alexandria. Como já se faz notar, o autor de *Ítaca* (*Ιθάκη*) insere-se na complexa geografia histórica dos gregos no século XIX. Escutemos, novamente, o que nos diz Hadziiossif:

A segunda categoria compreende os gregos estabelecidos nas províncias periféricas do Império Otomano (Egito, Moldávia, Valáquia) e nos grandes centros comerciais do Mediterrâneo e dos países europeus que mantêm estreitas relações econômicas com o Império Otomano. Aqui, os gregos não são autóctones, mas imigraram em diversas épocas e, sobretudo, durante o século XVIII e XIX. Eles são essencialmente concentrados nos centros urbanos onde formam colônias distintas. Algumas dessas colônias mesmo permanecendo numericamente insignificante desempenham, pelo fato de suas atividades comerciais, um papel importante na evolução das estruturas econômicas e sociais dos países de acolhimento.⁴⁷ (A tradução é nossa.)

⁴⁶ « *La première catégorie comprend les populations grecques de certaines régions de l'empire ottoman dans les Balkans et en Asie mineure ainsi que dans les îles (mer Egée, Crète, Chypre). Aux Grecs vivant dans l'empire ottoman, il faut ajouter les habitants des îles ioniennes qui de 1814 à 1864 sont placées sous protectorat britannique. Les populations grecques de ces régions sont essentiellement autochtones et l'immigration, qui a eu lieu au cours du XVIIIe et du XIX siècle, ne joue pas un rôle déterminant dans l'évolution démographique. Ces populations représentent la majorité des habitants de la région ou une minorité ethnique substantielle. Leur stratification sociale correspond aux structures économique et sociale de la région ; elle se caractérise par un fort pourcentage de population rurale. Ces populations et leurs liens matériels et culturels avec l'état grec constituent la base objective de l'irréductisme grec –la grande idée- qui joue un rôle déterminant dans la vie politique du pays jusqu'en 1922.* » HADZIIOSSIF, Christos: **La Colonie Grecque en Égypte (1833-1856)**. p.I

⁴⁷ « *La deuxième catégorie comprend les Grecs établis dans les provinces périphériques e l'empire ottoman (Egypte, Moldavie, Valachie) et dans les grands centres commerciaux de la Méditerranée et des pays européens qui entretiennent d'étroits rapports économique avec l'empire ottoman. Ici, les Grecs ne sont pas autochtones, mais ils ont immigré à diverses époques et surtout au cours du XVIIIe et du XIX siècle. Ils sont essentiellement concentrés dans les centres urbains où ils forment des colonies distinctes. Certains de ces colonies tout en restant numériquement insignifiantes jouent, du fait de leurs activités commerciales, un rôle important dans l'évolution des structures économiques et sociales de leurs pays d'accueil.* » HADZIIOSSIF, Christos : **La Colonie Grecque en Égypte (1833-1856)**. p.II

Mas não podemos deixar de mencionar uma nuance: para este historiador da Universidade de Creta, Hadziiossif, na verdade, as cidades de Constantinopla e Esmirna poderiam ser consideradas como um terceiro grupo, que teria tanto de população autóctone, como de imigrantes gregos. Talvez Hadziiossif assim o tenha procedido, pois dedicou especial atenção à formação da burguesia mercantil grega na sua tese de doutorado. Nesse caso, seria importante demonstrar que Constantinopla e Esmirna, além da presença grega desde priscas épocas, eram também cidades de constante imigração grega, proveniente de outras plagas. Em resumo, Constantinopla, capital do Império Otomano, um dos pontos nevrálgicos das estruturas comerciais e de negócios, era onde se dava – assim como em Esmirna — em grande parte, esse espírito mercantil, do qual os helênicos foram dos principais propulsores e mantenedores.

Entretanto, para nossos objetivos, acreditamos que não é necessário seguir *pari passu* essa divisão. Consideraremos Constantinopla, cidade das origens de Kavafis, como sendo daqueles sítios que possuem um antigo contingente populacional grego. Por isso mesmo, haveremos de classificar Constantinopla - simplesmente para efeitos didáticos de nossa pesquisa - como bem mais próxima do segundo segmento, que Hadziiossif caracterizara como povoado pelo elemento grego “essencialmente autóctone”. Quanto a Esmirna, também nós aí a incluiríamos. Mas qual razão levar-nos-ia a assim proceder? A explicação será bem-vinda, pois poderemos abordar um importante ponto, essencial mesmo para a compreensão da história do povo neo-helênico.

A queda de Constantinopla legou, até os dias de hoje, imagens indeléveis ao imaginário e à própria identidade grega.⁴⁸ Basta que nos recordemos de alguns fatos verdadeiramente sugestivos. Constantinopla caíra no dia 29 de maio de 1453, fatídica terça-feira que faria com que os gregos considerassem, desde então, todas as outras terças-feiras como um dia aziago por excelência. Tal crença chegou a influenciar decisões de políticos gregos, no ainda recente século XX. Citemos o episódio que ocorreu no fim da segunda guerra mundial, após a liberação da Grécia da ocupação nazista, que fora de 1941 até 1944. O Governo Grego no exílio, encabeçado por Giorgios Papandreu (Γεώργιος Παπανδρέου),

atrasaria sua chegada ao país em vinte quatro horas, pois, caso contrário, teria chegado em uma terça-feira, o que, para a forte carga simbólica da ocasião, não seria bom prenúncio. Papandreu e sua comitiva só adentrariam Atenas no dia 18 de outubro, que caíra, no ano de 1944, em uma quarta-feira, livre do inconveniente dessa superstição de origem histórica.⁴⁹

Para que possamos ter uma ideia dessas longas permanências, é imprescindível citar, também, a figura do Imperador Constantino XI Paleólogos, figura histórica, mas envolta nos mais ricos tecidos da lenda. Constantino XI é uma imagem arquetípica, daquele que há de retornar, redimindo um povo da opressão estrangeira e a trazer tempos benfazejos. Arquétipo que tem a sua materialização, na cultura luso-brasileira, no nosso célebre D. Sebastião, que também retornará, triunfalmente, mas em um dia de bruma. Constantino XI Paleólogo foi o último Imperador Bizantino, lutou até os últimos momentos contra o invasor turco e se lançou no meio da refrega. Aí mesmo, no ardor da luta, encontrou a morte, no próprio dia 29 de maio de 1453. Ainda que sua cabeça tenha sido exposta em diversos lugares dos domínios otomanos⁵⁰, uma lenda nasceu a partir dessa trágica personagem histórica. Diz o mito que, pouco antes de levar o golpe fatal de um janízaro turco, um anjo rompeu os ares e arrebatara o derradeiro monarca bizantino. Em seguida, o enviado dos céus o transformou em mármore, daí a designação de “rei transformado em mármore” (*μαρμαρωμένος βασιλιάς*). Depois, o anjo salvador depositou o corpo, adormecido pelo mármore, em uma das portas de Constantinopla. Daí em diante, espera-se a volta desse anjo, que há de tirar Constantino XI Paleólogos de seu sono marmóreo, e assim o imperador trará de volta as glórias de Bizâncio, expulsando os turcos para as suas terras primevas nos confins da Ásia Central. Constantino XI Paleólogos, além de ter sido transformado em mármore, tornou-se herói e mártir. Seja como for, o que devemos retirar do mito é a força simbólica de Constantinopla, que perpassou os séculos impregnando as almas dos gregos. Tanto que muitos dos partidários da

⁴⁸ A importância de Bizâncio e, por conseguinte, de Constantinopla nos poemas de Kavafis foi abordada, em parte, no primeiro e anterior subcapítulo: “*Para nosso glorioso bizantinismo: alguns aspectos da história de Bizâncio*”.

⁴⁹ Cf. CLOGG, Richard: **História de Grecia**, p.129.

⁵⁰ Cf. HEERS, Jacques: **Chute et Mort de Constantinople**. p.253

união de todos os gregos em um só Estado cogitavam ter Constantinopla como capital e não a cidade de Atenas⁵¹.

Apesar da dominação turca, a ligação dos gregos com Constantinopla não se fazia unicamente no campo do simbólico, mas também em uma permanência concreta. Devemos nos deter com especial atenção nesse ponto. Constantinopla era a capital do Império Otomano, porém abrigava em seu seio certo grupo social helênico muito particular, estamos a nos referir aos Fanariotas. Além da importância desses para o entendimento da história da Grécia moderna, há um segundo ponto que nos leva ao grupo social em questão. É mister que sublinhemos que a família de Kavafis, seja pelo lado paterno, quanto do lado materno, era fanariota. Mas o que significaria precisamente essa denominação?

O nome fanariota, em grego *φαναριώτης*, provém do bairro de Constantinopla denominado Fanar, *Φανάρι (Fanári)*, no qual se localiza a igreja de São Jorge do Fanar (*Ναός του Αγίου Γεωργίου στο Φανάρι*). O Patriarcado de Constantinopla, logo depois da tomada da cidade pelos turcos, foi autorizado a lá permanecer. Obviamente, a Igreja Ortodoxa deixou de ser a religião oficial e passou, desde então, ao status de religião tolerada. O sultão Maomé II aceitara que as outras duas religiões do Livro, o cristianismo e o judaísmo, continuassem a existir dentro desse império islâmico. Essa política de grupos religiosos tolerados dará nascimento, posteriormente, já no século XVIII, ao que ficou propriamente conhecido como os *millet*. O termo *millet* significa “nação”, no sentido de um agrupamento religioso. No império Otomano havia quatro *millet*: o principal, do islã, o grego ortodoxo, o armênio e o judaico. De início, em tempos de Maomé II, essa instituição não era tão definida, como muitas vezes pensamos. A estrutura bem precisa e consagrada dos *millet*, com a qual nos defrontamos já no século XIX, será obra da longa convivência desses grupos, de confissões diversas, com o poder sujador da Sublime Porta⁵².

Entretanto, as bases do *Millet* estão logo após a queda daquela cidade, que fora fundada por Constantino, sob a força das investidas turcas, quando Maomé II — o mesmo sultão que acabara com o moribundo Bizâncio — chama Gennadios e

⁵¹ Cf. CLOGG, Richard: **Historia de Grecia**, p.55.

⁵² “Sublime Porta”, em turco, “*Bâb-ı Âli*”, era o portão do palácio do grão-vizir, espécie de primeiro ministro do sultão no Império Otomano. Esse termo, por metonímia, passou a designar o governo otomano.

o autoriza a implantar o Patriarcado na agora nova capital otomana. Depois de um longo périplo pelas igrejas da cidade, o patriarcado fixa-se, por fim, naquela de S. Jorge do Fanar. Tal igreja é situada no bairro de mesmo nome: “desde 1601 é a sede do Patriarcado Ecumênico em um prédio simples e quase invisível do exterior que não mais corria o risco de atrair as cobiças arquiteturais de nenhum sultão.”⁵³.

É em torno do Patriarcado que a comunidade helênica organizar-se-á. O Fanar passa a ser o centro nevrálgico de todos os gregos que viviam, desde aquela ocasião, na condição de súditos do sultão otomano. É bom sublinhar que, em teoria, não somente gregos, pois o patriarcado era ecumênico e, por tal, pretendia congregar todos os ortodoxos do Império Otomano, independente de diferenças étnicas ou linguísticas. Mas o que se dava na prática era a absoluta predominância do clero de língua e cultura grega. Essa hegemonia iria, com o passar dos séculos e o surgimento dos nacionalismos, gerar conflitos com os povos ortodoxos de língua eslava.

O Patriarcado Ecumênico era a instância que representava os gregos perante a Sublime Porta. O papel do Patriarcado era não só religioso, mas eminentemente político e social. As estruturas que perpassavam a vida das populações gregas, e que davam existência oficial a essa comunidade, passavam, obrigatoriamente, pelo Fanar, porque:

[...] ao millet concerne o direito de família, a religião, a escola, o hospital, o hospício, o orfanato e, por conseqüência, o estado civil; o padre tem os registros que permitem as repartições fiscais, o recrutamento de crianças; e os recenseamentos. O patriarca organiza um serviço fiscal para suas próprias necessidades e logo um serviço jurídico, visto que ele pode resolver diferenças entre cristãos; de fato a justiça do cádi⁵⁴ é reputada como ruínoza como indica o ditado grego *ρωμέικος κάγας τούρκικος χαλβάς* (as disputas dos gregos fazem a halva⁵⁵ dos turcos) e os cristãos suspeitavam de parcialidade, eles também preferiam dirigir-se ao padre, continuando os últimos séculos de Bizâncio quando os bispos substituíam as autoridades enfraquecidas.⁵⁶ (A tradução é nossa)

⁵³ DALÈGRE, Joëlle: **Grecs et Ottomans 1453-1923**. 2002. p.85

⁵⁴ Juiz muçulmano.

⁵⁵ Halva é um doce, feito com farinha, óleo de gergelim, mel e frutas secas. É típico da cozinha grega e turca e de outros países da região.

⁵⁶ «[...]millet relèvent le droit familial, la religion, l'école, l'hôpital, l'orphelinat et, en conséquence, l'état civil ; le prêtre tient les registres qui permettent les repartitions fiscales, les levées d'enfants et les recensements. Le patriarcat organise un service fiscal pour ses propres besoins et bientôt un service juridique, puisqu'il peut résoudre les différends entre chrétiens ; en

Como podemos supor, esse extenso conjunto de atividades do patriarcado, que funcionava como uma espécie de “Estado” dentro do Império Otomano, pois era a estância máxima de representação dos gregos, a cabeça do *millet* ortodoxo, tornou-se o baluarte da transmissão do helenismo. Por paradoxal que possa afigurar-se, concomitante à condução de uma pacífica resistência da cultura grega face à “turquização”, o patriarca também era o mantenedor da submissão do seu rebanho. A própria existência do Patriarcado estava intimamente ligada ao controle de qualquer iniciativa que viesse a se rebelar contra a autoridade turca, o que acabou por conduzir seis patriarcas ao cadafalso. O santo sínodo era a estância da Igreja Ortodoxa que elegia os patriarcas, mas a ascensão ao cargo só se dava com a aprovação do sultão. Já se pode imaginar que o processo de escolha de um novo patriarca remetia-se diretamente a uma série de estratégias políticas. O Patriarcado era muito mais do que uma mera instituição religiosa e as divergências entre os fanariotas aí se refletiam. Aliás, a eleição do chefe supremo dos ortodoxos do Império Otomano ultrapassava os estritos limites da esfera das intrigas políticas e atingia, até mesmo, a venalidade. Fazia parte da tradição a oferta de “doações” em dinheiro e presentes para o poder otomano. Cada facção apoiava o candidato que melhor conviesse aos seus interesses. O apoio concretizava-se, por sua vez, no patrocínio dos “dons”, que o candidato haveria de oferecer à Sublime Porta. As potências da Europa ocidental também chegaram a se imiscuir na eleição patriarcal, através de “benévolas contribuições” financeiras, como no caso Cirilo I Loukaris que “[...] perde a eleição em 1612 por falta de dinheiro (o adversário oferece 8 000 moedas de ouro), mas consegue em 1620 com o apoio da Grã-Bretanha e da Holanda que apreciam seu interesse pelo calvinismo [...]”⁵⁷.

A parte leiga da elite fanariota também desempenhará importantes funções na vida e na administração da Sublime Porta. Um dos mais lendários exemplos é o de Miguel Cantacuzeno (Μιχαήλ Καντακουζηνός), considerado como o detentor de uma das mais opulentas fortunas do Império Otomano no século XVI. Para que

effet la justice du cadi est réputée ruineuse come l'indique le dicton grec ρωμέικος καύγας τούρκικος χαλβάς («les disputes des Grecs font le halva des Turcs ») et les chrétiens la soupçonment de partialité, aussi préfèrent-ils souvent s'adresser au prêtre, continuant les derniers siècles de Byzance où des évêques remplaçaient les autorités défailantes. » DALÈGRE, Joëlle: **Greco et Ottomans 1453-1923**. p. 45.

⁵⁷ DALÈGRE, Joëlle: **Greco et Ottomans 1453-1923**. p. 73

se possa ter uma noção de suas riquezas é suficiente dizer que doara ao sultão - para conquistar suas graças e, por conseguinte, segurança - vinte galeras, que participaram da Batalha de Lepanto.⁵⁸ Mas isso não impediu que a arbitrariedade do soberano, que tinha direito de vida e de morte sobre os seus súditos, se fizesse sentir. Cantacuzeno teria como fim o enforcamento, no ano de 1578. Seus haveres foram a leilão e: “as universidades ocidentais disputam seus manuscritos, o número de objetos é tão grande que a frase ‘comprei no leilão Cantacuzeno’ tornou-se proverbial para designar a origem de um objeto precioso.”⁵⁹

Diversos foram os membros da comunidade fanariota que participaram dos serviços diplomáticos. Por estranho que possa parecer para a nossa lógica de inícios do século XXI, o primeiro embaixador otomano, em 1840, no recém-independente Reino da Grécia, foi um grego de Creta: Konstandinos Mousouros (Κωνσταντίνος Μουσούρος). Mas em outras importantes capitais europeias, também, os fanariotas se fizeram presentes, como representantes do sultão. No período que vai de: “1840 [a] 1912 encontram-se quinze gregos entre os chefes de missão diplomática otomana e todos os postos são ocupados, em um momento ou outro por gregos”⁶⁰.

Um dos cargos de maior influência e prestígio que será reservado aos fanariotas é o de *drogoman* ou *dragoman*, que seria criado oficialmente em 1601. A partir de sua criação até o ano da Revolução Grega, em 1821, somente gregos foram investidos em tal dignidade. Encontramos os nomes de diversas grandes linhagens fanariotas como: Mavrocordatos; Ghikas; Kallimachis; Karadzas; Hypsilandis; Soutsos, que tiveram várias vezes um de seus membros como *Grande Drogoman*.⁶¹ Podemos compreender o cargo de *dragoman* como sendo um intérprete-mor do governo otomano, mas sua atuação ia bem além das atividades de intermediação lingüística:

⁵⁸ A batalha de Lepanto, que ocorreu em 5 de outubro de 1571, foi percebida pelo imaginário da Europa Católica como o grande encontro de forças da cristandade contra a ameaça turca. A contribuição de Cantacuzeno às forças turcas, além de bem simbolizar a complexidade da situação dos fanariotas – cristãos ortodoxos que não deixavam de compor e participar da elite do invasor otomano – vem matizar a imagem dicotômica que se cristalizou dessa batalha.

⁵⁹ DALÈGRE, Joëlle: **Grecs et Ottomans 1453-1923**. p. 88

⁶⁰ DALÈGRE, Joëlle: **Grecs et Ottomans 1453-1923**. p. 92

⁶¹ Dalègre oferece uma lista completa dos Grandes *Drogomans* cf. DALÈGRE, Joëlle: **Grecs et Ottomans 1453-1923**. p. 89.

O grande dragoman assiste aos debates do Conselho e se torna um tipo de assistente dos Negócios Estrangeiros; grande funcionário, ele pode usar barba, é isento de imposto e de direitos alfandegários e pode mesmo comprar escravos circassianos (os mais cobiçados no palácio e reservados aos mulçumanos)!⁶²

Segundo Dalègre, foi o *drogoman* Nicousios Alexandros Mavrocordatos uma das figuras que melhor representou essa “ambigüidade fanariota”. Mavrocordatos era homem de vasta cultura humanística, chegou a escrever obras sobre sintaxe grega, história e retórica. Estudara no Colégio Grego de Roma e se formara em medicina e filosofia nas Universidades de Pádua e Bolonha. Foi diretor da Escola Patriarcal do Fanar, entre os anos de 1665 e 1672. Mas suas qualidades intelectuais não o impediram de ter ávidos interesses financeiros. Através da corrupção, conseguiu formar uma vultosa fortuna, o que, diga-se de passagem, não era hábito raro e específico de Mavrocordatos, mas extensivo à maioria dos outros grandes *drogomans*.

Não podemos deixar de mencionar, ao abarcarmos os fanariotas, aqueles governadores dos principados da Valáquia e da Moldávia – territórios vassalos da Sublime Porta desde os meados do século XVII, pois, foi, sobretudo, a esse posto que ficou associado o nome de “fanariota”. Castellan precisa que: “entre 1711 e 1821, os oitenta reinados [mandatos] da Moldávia e da Valáquia repartiram-se entre doze famílias, das quais duas somente eram de origem romena, uma albanesa, as outras gregas[...]”⁶³. Segundo consta, um certo Ianis Kavafis, antepassado do poeta, teria sido governador de Iași.⁶⁴

Nessa rápida incursão foi possível, entre vários aspectos, vislumbrar o quanto, nos quatro séculos de “turcocracia”, Constantinopla permaneceu sendo um intenso centro irradiador de cultura e poder do elemento helênico dentro do império turco. Agora, nos é lícito dizer que Constantinopla possui características em comum - e por isso mesmo aproxima-se – daquelas regiões, classificadas por Hadziiosif, como povoadas de gregos autóctones. Não se trata de componentes

⁶² “*Le Grand Drogoman assiste aux débats du Conseil et devient une sorte d’assistant aux Affaires Étrangères ; grand fonctionnaire, il peut aller à cheval, porter la barbe, est exonéré d’impôts et de droits de douanes et peut même acheter des esclaves circassiens (les plus convoitées au palais et réservées aux musulmans.*” idem, p.88.

⁶³ CASTELLAN, Georges : **Histoire des Balkans**. p. 215.

⁶⁴ “Yanis (1701-1762) fue gobernador de Jassy em Moldavia, vivió luego em Viena y se dice que había recibido un título austriaco.” Cf. LIDELL, Robert: **Kavafis una biografia**. p. 28 Mais a frente abordamos alguns aspectos dessa informação.

de uma colônia estrangeira, como era o caso em Alexandria. Mas nosso raciocínio não nos conduziu até aqui, somente, com o mero propósito de situar Constantinopla dentro de certa classificação; digamos que foi o caminho encontrado para tentarmos explicar o que ficaria conhecido pelo nome de *Megali Idea* (*Μεγάλη Ιδέα*), ou seja, a Grande Idéia. A *Megali Idea*, em uma definição grosso modo, era o ideal de incorporar ao Estado Grego todos os territórios de população helenófono.

Existe uma diferença essencial entre o povo e o Estado Grego que, frequentemente, não nos damos conta. Caso consideremos, em linhas gerais e para efeito de síntese, como elemento fundamental para definição desse povo o seu idioma – deixando de lado as problemáticas questões que daí podem decorrer⁶⁵ – poderemos acompanhar a sua presença e evolução de forma ininterrupta por milênios. E, ao considerarmos somente o contínuo temporal que nos chega até hoje, no qual existem textos escritos, poderemos fazer nossas as palavras de Störing: “se nosso conhecimento do grego começasse apenas com Homero e Hesíodo, esta língua poderia ter a veneranda idade de quase três mil anos, sendo portanto a única língua da Europa cuja evolução pode ser seguida ininterruptamente [...]”⁶⁶. A ideia de fazer parte do povo helênico pode ter variado; os elementos de base foram, com toda certeza, conjugados, reinventados e apropriados das mais diversas formas e intensidades, mas algum traço, de contornos fluidos, dessa autoconsciência de pertencimento deve ter atravessado os séculos.

Em contrapartida, a ideia de um Estado, como entendemos atualmente, é de invenção recente. Essa vaga de consciência nacional teria atingido o extremo da Península Balcânica nos finais do século XVIII e inícios do XIX. Até então, a definição de helenicidade é de traçado movediço; embora, como mencionamos anteriormente, certos historiadores identifiquem os primeiros lampejos de uma consciência neo-helênica no século XIII.⁶⁷ Entretanto, a emergência do projeto de

⁶⁵ Bem sabemos que não podemos considerar a língua como sinônimo da idéia de povo. Mas, por outro lado, não podemos negar que o reconhecimento entre indivíduos que falam o mesmo idioma é um dos elementos definidores de uma etnia, entre alguns outros. Queremos dizer que a consciência de pertencimento a uma comunidade linguística, ainda que possa ser frágil, entre os helenófonos se deu muito antes de emergir sequer um esboço de Estado Moderno.

⁶⁶ STÖRING, Hans Joachim: **A Aventura das Línguas**. p.66

⁶⁷ Como frisamos, não é nosso intuito enveredarmos por tal debate historiográfico. Simplesmente, assinalamos a interpretação de alguns historiadores, como Vacalopoulos e Svoronos, (Cf.: este trab. 2.3. *Bizâncio*), que fazem remontar o despertar da consciência neo-helênica ao tempo da quarta cruzada. Mas não podemos nos furtar de assinalar: afirmação de que o Estado Nacional só

um Estado Grego nacional, com fronteiras estabelecidas e todo seu aparato governamental – em suma, nos moldes que mais se aproximam da nossa concepção contemporânea – é algo novo. Justamente por isso, surge uma série de questões e debates, aos quais os políticos e intelectuais gregos tiveram de responder: “Até onde iriam as fronteiras da Grécia?”, “Quem era ou não grego?”. São perguntas que para nós, com o recuo do tempo, podem afigurar-se um tanto descabidas. Mas elas não o eram para aqueles que viviam esses tempos. A *megali idea* foi uma forma de responder a tais questões, diretamente relacionadas à construção e à definição não só do território de um Estado mas, também, de uma nacionalidade:

Os defensores da Grande Ideia aspiravam a unir todas as zonas de assentamento grego de Península Balcânica e do Mediterrâneo Oriental em um Estado único, com a capital em Constantinopla. O primeiro que utilizou o termo “Grande Ideia” foi Yanis Kolettis, um valaco helenizado que, de médico do filho de Ali Bajá, começou a ser uma das figuras políticas mais influentes das primeiras décadas do período independentista. Em 1844, durante os debates, dos quais surgiu a primeira Constituição, Kolettis defendeu ardentemente a causa dos alóctones gregos, os gregos das áreas situadas fora dos confins iniciais do reino, contra as ambições hegemônicas dos “autóctones”, os “nativos” das terras protagonistas da luta pela independência. Kolettis insistiu em que não só eram gregos os habitantes do reino, mas também os que viviam em qualquer dos territórios associados à história ou a raça grega. Havia dois centros principais do helenismo: Atenas, a capital do reino, e Constantinopla, “a Cidade”, “o sonho e esperança de todos os gregos”. (a tradução é nossa)⁶⁸

Kolettis, o pai da *Megali Idea*, não legitimava o seu sonho exclusivamente através da presença de populações gregas, em vastas regiões fora do domínio do Estado Grego. As regiões historicamente helênicas integravam, também, seus projetos. As bases da *Megali Idea* fincavam-se em uma busca por uma

veio a nascer em finais do XVIII e inícios do XIX não invalida, em princípio, a hipótese da precoce tomada de consciência neo-helênica. Acima de tudo, estamos diante de um longo processo, suas manifestações podem assumir diversas formas e intensidades ao longo dos séculos.

⁶⁸ *Los defensores de La Gran Idea aspiraban a unir todas las zonas de asentamiento griego de La península balcánica y el mediterráneo oriental en un Estado único, con la capital en Constantinopla. El primero en utilizar el término “Gran Idea” fue Yanis Kolettis, un valaco helenizado que, de médico del hijo de Ali Bajá, pasó a convertirse en una de las figuras políticas más influyentes de las primeras dos décadas del periodo independentista. En 1844, en los debates de los que surgió la primera Constitución, Kolettis defendió ardentemente la causa de los “heteróctonos”, los griegos de las áreas situadas fuera de los confines iniciales del reino, contra las ambiciones hegemónicas de los “autóctonos”, los “nativos” de las tierras protagonistas de la lucha por la independencia. Kolettis insistió en que no sólo eran griegos los habitantes del reino, sino también los que vivían en cualquiera de los territorios asociados con la historia de la raza griega. Había dos centros principales del helenismo: Atenas, la capital del reino, y Constantinopla, la “Ciudad”, “El sueño y esperanza de todos los griegos” CLOGG, Richard: **Historia Grecia**. p. 57*

legitimidade linguística, histórica e, também poderíamos dizer, religiosa, pois o pertencimento à Igreja Ortodoxa seria um dos componentes essenciais dessa construção identitária. Dessa forma:

[...] Kolettis ofereceu [...] o programa da *Megali Idea* e mostrou os territórios a serem conquistados: Tessália, Epiro, Macedônia, Trácia, Ilhas Jônicas, Creta, a Costa Ocidental da Anatólia e ilhas adjacentes, até mesmo da Romélia aos Balcãs; não somente territórios étnicos gregos, mas todos aqueles onde a civilização grega dominara. Este irredentismo tornou-se a base do nacionalismo grego até 1922. (a tradução é nossa)⁶⁹

Mas nunca é demais frisarmos que Alexandria jamais foi aí incluída, justamente, por não ser de população grega autóctone. A cidade egípcia era de imigração helênica relativamente recente. Deter-nos-emos, um pouco mais adiante, na formação dessa colônia estrangeira em terras egípcias.

3.2.

Alexandria: metonímia de um tempo

O célebre historiador inglês Eric J. Hobsbawm, na introdução do seu livro intitulado *A Era dos Impérios 1875-1914*, nos conta uma pequena história, a do encontro de um casal. Uma jovem judia, residente na efervescente capital do império austro-húngaro, Viena, se formara no curso secundário e ganhou, como prêmio dos pais, uma viagem. O destino era o Egito, visto que um dos tios da moça, um bem sucedido negociante, que estabelecera uma próspera casa de comércio em diversas paragens do Oriente - Médio, aí residia, nessa antiga capital dos Ptolomeus, Alexandria. Paralelamente, Hobsbawm nos conta também a história de outro jovem judeu, um dos inúmeros filhos de um marceneiro que havia imigrado da Polônia para o Reino-Unido, em meados de 1870. Esse jovem

⁶⁹ Kolettis offrit [...] le programme de la *Megali Idea* et montra les territoires à conquérir : Thessalie, Épire, macédoine, Thrace, îles Ioniennes, Crète, côté occidentale de l'Anatolie et îles adjacentes, voire Roumélie jusqu'au Balkan ; non seulement des territoires ethniquement grecs, mais tous ceux où la civilisation grecque avait dominé. CASTELLAN, Georges: **Histoire des Balkans**. p. 295

igualmente iria ter seu destino ligado às míticas terras do Egito, porque para lá rumou como funcionário dos Correios e Telégrafos. O Egito havia sido ocupado efetivamente pelo exército de Sua Majestade desde 1882 e, a partir de então, o aparelho burocrático do Império Britânico, concomitantemente, aí se instalou.

Esses dois jovens se conheceram em Alexandria, casaram-se nessa cidade e, em 1917, nasceu um dos seus filhos, aquele que viria a se tornar, bem mais tarde, entre uma vasta bibliografia, o autor de *A Era dos Extremos*. Estamos a falar – como já se deve ter percebido – do próprio Eric J. Hobsbawm. O historiador inglês nasceu nessa mesma cidade de Alexandria, que também contemplara, cinquenta e quatro anos antes, o nascimento do nosso poeta grego Konstandinos Kavafis. Hobsbawm assim revela e comenta para os seus leitores a identidade desse casal que se enamorara, cercado pelo glamoroso cenário do Egito colonial; como já o dissemos, eram nada mais e nada menos que os seus próprios pais:

Esse rapaz viria a ser o pai do autor, que conheceu, assim, sua futura esposa ali onde a economia e a política da Era dos Impérios, sem falar de sua história social, os reuniu – presumivelmente no Esporte Clube dos arredores de Alexandria, perto de onde instalariam sua primeira casa. É extremamente improvável que um encontro assim tivesse acontecido num lugar assim, ou que tivesse levado ao casamento entre duas pessoas assim em qualquer outro período da história anterior ao abordado neste livro. Os leitores devem ser capazes de descobrir por quê.⁷⁰

As palavras de Hobsbawm podem ser empregados, de alguma forma, à situação de Kavafis. Tanto Hobsbawm como Kavafis têm em comum o nascimento sob o céu alexandrino. Porém, o mais interessante não é listar as semelhanças entre os dois homens – que, aliás, são bem poucas, além de compartilharem a cultura de língua inglesa, em graus diferentes, e terem nascido na mesma cidade - mas o que salta aos nossos olhos são, exatamente, as grandes diferenças. A possibilidade de que uma mesma cidade, na costa do Mediterrâneo, em terras árabes, no Norte da África, possa ter abrigado o nascimento de um Hobsbawm, originário de família judia ashkenazim, de cultura anglo-germânica – pois não esqueçamos que o historiador inglês passou a infância na Áustria⁷¹ – e de um Kavafis, de família ortodoxa grega, com raízes fanariotas. A resposta ou, melhor dizendo, a pista de resposta, talvez, também possa ser retirada da citação

⁷⁰ HOBBSAWM, Eric: *A Era dos Impérios*. p. 15.

⁷¹ Em seu livro de memórias, *Tempos Interessantes*, Hobsbawm nos fala de sua infância vienense.

de Hobsbawm, acima transcrita: “É extremamente improvável que um encontro assim tivesse acontecido num lugar assim [...] entre duas pessoas assim em qualquer outro período da história anterior.” O encontro que nesse caso tentamos assinalar é de um sentido amplo. Ele concerne muito mais à convergência histórica, social e geográfica, do que propriamente à presença entre dois indivíduos face a face. Hobsbawm nunca encontrou Kavafis. Mas, se por um acaso, em um dia perdido para todo o sempre na névoa do passado, o então pequeno Eric cruzou em alguma rua de Alexandria com o poeta Kavafis, com toda certeza, nenhum dos dois poderia ter tido consciência e ninguém jamais o saberá. Mas deixemos de lado esse suposto encontro entre Hobsbawm, ainda criança, e o velho poeta alexandrino, pois esse pertence bem mais às searas da imaginação do que aos domínios da história – mesmo que saibamos que, em certos trechos, as fronteiras dessas duas áreas da experiência humana, não sejam tão perceptíveis. O que queremos mostrar, através dessa escolha aleatória, entre dois personagens célebres, que durante algum tempo compartilharam o espaço urbano de Alexandria, é o caráter singular dessa cidade. Tendo Alexandria como denominador comum, poderíamos apresentar uma lista, quase infinda, de encontros entre personagens de culturas e origens diversas, sejam esses célebres ou anônimos. Isso porque Alexandria foi, por excelência, uma cidade moderna.

Entendamos “moderna” naquilo que ela possuía como resultado de um processo vertiginoso que começa, lentamente, nas últimas décadas do século XVIII e vai, cada vez mais, a enredar toda a superfície do planeta. Como afirma Ilbert: “a expansão de Alexandria se explica pelo movimento que leva a Europa à era colonial. Sua fortuna está ligada às inovações técnicas que fazem dela um dos primeiros portos do Mediterrâneo”⁷². As novas tecnologias, e todo o maquinário daí advindo, possibilitam que alguns países europeus construam imensos impérios em terras distantes, controlados não só por armas, mas, também, por estradas de ferro, telégrafos, construções que chegam a desafiar as impossibilidades geográficas, como o Canal de Suez, inaugurado em 1869. Mas, igualmente, com um imenso corpo burocrático de funcionários que viabilizam as inúmeras necessidades dos Estados e das populações desses novos tempos: não fora Kavafis por décadas funcionário do Departamento de Irrigação? A Alexandria de Kavafis

está em um cruzar de mundos e de épocas: às vezes, a sentimos extremamente antiga, porém, outras, extremamente familiar e contemporânea.

3.3.

Alexandria: espírito e paisagem

A paixão de Kavafis pelo passado greco-romano pode fazer com que nos esqueçamos da paisagem na qual vivera o poeta. Alexandria era uma cidade portuária; caótica; comercial; com bolsa de valor; prostituição de ambos os sexos; cafés movimentados; hotéis; cassinos; uma elite das mais diversas nacionalidades, atenta aos padrões culturais de França e Inglaterra; *felahs* árabes; ortodoxos gregos e armênios; judeus; muçulmanos; jardins à francesa; linhas de bonde elétrico: cidade exótica e banal. Enfim, centro urbano com os característicos elementos de uma sociedade industrial, de meados do século XIX e inícios do XX, que se expandia vorazmente por todos os cantos do planeta.

O grande escritor português Eça de Queirós lá esteve, desembarcara em terras alexandrinas, mais exatamente, em 5 de novembro de 1869. O autor de *O Crime do Padre Amaro* nos deixou um interessante relato sobre suas experiências na terra natal de Kavafis.

Eça de Queirós chegou ansioso de sentir o espírito alexandrino que, supunha ele, ainda lá havia, cheio da mais grandiosa história. Ainda em um barco, que o levaria à terra firme, Eça de Queirós comovia-se até com a água do porto, pois exclamava: “Eu [Eça de Queirós], entretanto, pensava que ia pisar o solo d’Alexandria. Estávamos talvez na mesma água em que outrora tinham fundeado as galeras de velas púrpuras, que voltavam de Actium!”.⁷³ Prosseguia a indagar-se sobre a localização dos antigos vestígios, das eras de tantas magnificências. É provável que já começasse a desconfiar que suas expectativas nada mais fossem do que devaneios de um viajante ilustrado: “Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bizantina, onde estás tu? [...] Onde estão as tuas bibliotecas, e os teus palácios egípcios e o jardim maravilhoso de Ceres, oh! Cidade de Cleópatra, a

⁷² ILBERT, Robert : Une certaine citadinité in R. ILBERT e I. YANNAKAKIS: **Alexandrie 1860-1960** .p25

⁷³ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria: **O Egito**. 1948. p. 34

mais linda das Lágidas?”⁷⁴. Mas Eça de Queirós só avistava construções medíocres: “[...] um lugar enlameado e imundo, cheio de destroços, uma acumulação de edificações miseráveis e inexpressivas!”⁷⁵. A sonhada beleza de Cleopátra foi substituída pela algaravia do povo, essa parece que o remeteu a um bando de animais, pois assim qualificou o que vira: “[...] uma multidão de árabes gritava, empurrava, grunhia.”⁷⁶. Tudo se fazia quase uma profanação, porque ele não abandonava a sua viva consciência histórica e literária. Indignava-se ao perceber que: “Velhos barcos chocavam-se no arfar da água junto a um cais de pedra, polido das marés – e aquelas pedras cobriam um solo venerável, quase mitológico, conhecido d’Homero!”⁷⁷. Já no centro da cidade, as palavras de Eça de Queirós mostram de forma marcante traços modernos e industriais, mesclados a elementos mais caracteristicamente orientais – melhor diríamos, a elementos que o escritor português identificava como orientais:

Chegamos, enfim, à Praça dos Cônsules. É uma praça enorme, cercada de vastas casas, hotéis, consulados, bancos, cassinos e casas de negociantes levantinos. Sente-se ali o Oriente. Um sol pesado e morno cobre o largo. Passam Fileiras de camelôs; *fellahs*, carregados, correm, com as túnicas azuis cheias d’ar; às esquinas, cambiadores de moedas, com o dinheiro em grandes cestos, encruzam-se em cima d’estejas. Mais longe, vendedores de flores fazem os seus ramos, junto ao muro d’um jardim d’onde pendem como guarda-sóis, as folhas agudas das palmeiras.⁷⁸

Em um primeiro momento, Eça de Queirós enumera prédios comuns a qualquer cidade Europeia: “casas, hotéis, consulados, bancos, cassinos e casas de negociantes”; depois, parece que os elementos exóticos, para os seus olhos, começam a ser mais fortes. Mas, no final das contas, já a dissipar o seu afã de diferente e novidade, que é comum a qualquer viajante, parece voltar a si e concluir que, salvo esses elementos pitorescos, nada mais era surpreendente:

⁷⁴ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria: **O Egito**. 1948. p. 34

⁷⁵ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria: **O Egito**. 1948. p. 34

⁷⁶ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria: **O Egito**. 1948. p.34.

⁷⁷ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria: **O Egito**. 1948. p.34

⁷⁸ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria: **O Egito**. 1948. p.36

De resto, o aspecto da praça é trivial. As casas são massas de cantaria, monótonas e cerradas. Sobre o asfalto abrem-se as portas dos cafés e dos bilhares. Esquecido sobre uma mesa, vemos um numero do *Figaro*. Nas esquinas há cartazes das *Bouffes-Parisiennes*. Algumas *gourgandines*, com a cabeça enfeitada, arrastam pela lama grandes saias de sêda.⁷⁹

Alexandria é uma cidade repleta de paradoxos em sua história. Nascera sob o signo da civilização helenística, transformou-se na capital do Reino dos Lágidas ou Ptolomeus, foi irradiadora da língua e herança grega nas imediações do Mediterrâneo e no Oriente - Próximo. Mas essa mesma urbe pouco guardou desse seu passado, que marcara de forma indelével o nosso imaginário. A imensa colônia de gregos dos tempos de Kavafis não pode ser compreendida como uma ininterrupta e direta continuadora desses gregos da Antiguidade, que aí estavam desde tempos de Alexandre o Grande e de seus herdeiros Lágidas. Ainda que possa sempre ter existido alguma presença grega em Alexandria ao longo dos séculos que se seguiram à invasão árabe, essa foi realmente esparsa. Há um hiato entre a presença helênica da Antiguidade e a *kinótita* (κοινότητα)⁸⁰ grega do século XIX e XX da qual pertencia Kavafis. Como afirma Trimi e Yannakakis: “às vésperas do século XIX, havia somente um pequeno núcleo de famílias gregas em torno do Patriarcado, reconstituído durante o século XVI.”⁸¹

Kavafis, através de sua poesia, tentou reunir dois mundos, duas paisagens que não se estendem tão facilmente aos olhos dos visitantes de Alexandria. Marguerite Yourcenar bem percebeu a distância entre os poemas históricos de Kavafis e a cidade na qual ele vivera praticamente toda sua vida. A autora de *Memórias de Adriano* ressalta o movimento frenético de Alexandria, pouco inclinada à contemplação de seu passado. A idílica imagem de uma cidade relicário desfaz-se. O homem que abriu os velhos alfarrábios da história e quis resignificá-los, no almejo de religar Alexandria aos seus velhos nomes e palácios agora desfeitos, não era o líder de uma corrente, tampouco o representante de um *leitmotiv* que, por aquelas alturas, pulsava na cidade. Pelo contrário, Kavafis mais parece uma exceção no seu meio:

⁷⁹ EÇA DE QUEIRÓS, José Maria: **O Egito**. 1948. p.36

⁸⁰ *kinótita* (κοινότητα) significa “comunidade” ou “colônia”. É a palavra empregada para designar a instituição que congrega os gregos em um país estrangeiro, por exemplo: *I Elliniki Kinótita Aleksandrias* (Η Ελληνική Κοινότητα Αλεξανδρείας), Comunidade Grega de Alexandria.

Para Kavafis, Alexandria é um ser amado. O gosto voluptuoso do parisiense por Paris, que aprecia arrebatado, ao ar livre dos bulevares, e, também, suas lembranças do Louvre, seria, talvez, para nós, o equivalente mais próximo de tal paixão. Mas uma diferença subsiste: apesar das emoções sentidas, apesar da raiva de destruir e da necessidade de renovar, Paris guarda testemunhos bem visíveis de sua história. Alexandria pouco manteve do seu longínquo esplendor, nem um nome, tampouco um lugar. Kavafis nasceu em uma cidade privada, nesse ponto, de prestígio e da melancolia das ruínas. Em sua obra, o passado revive, volta ao seu estado novo, suscitado fora dos textos sem nenhum dos belos intermediários que a pintura barroca e a poesia romântica puseram entre a Antiguidade e nós. A própria ruptura, que se produziu com o islamismo em Alexandria, oito séculos antes de acontecer em Bizâncio e em Atenas, faz com que Kavafis ligue-se diretamente ao mundo helenístico mais antigo, mais rico em cultura, anterior à idade média ortodoxa. Isso o resguarda também do viés bizantino, que marca muitas vezes os excessos do pensamento neogrego. Alexandria no sentido mais cosmopolita, mas, igualmente, no mais provincial dessa palavra mal compreendida. Kavafis amou com paixão essa grande cidade agitada e barulhenta, rica e pobre, muito ocupada com seus negócios e com seus prazeres para sonhar com seu passado volatilizado em poeira.”⁸² (A tradução é nossa)

Compartilhamos da análise de Yourcenar. No entanto, pensamos ser mister matizar um pouco a afirmação de que Kavafis dialogaria diretamente com a tradição helenística e pouco sofreria as influências de bizâncio. Ousaríamos dizer que a grande escritora não levou em conta as origens culturais de Kavafis. O *locus* Alexandria pode ter rompido de forma brusca com os desenvolvimentos posteriores da cultura grega, o advento do islamismo no século VII – Alexandria foi tomada pelos árabes em 641 – com toda certeza é uma ruptura indelével com o passado greco-Romano. Mas não podemos negar o apreço que Kavafis sentia por Bizâncio. Vários são os poemas que tratam da história do Império Romano do Oriente. Kavafis deitava suas raízes nos fanariotas de Constantinopla e parecia se orgulhar disso. Não podemos confundir o todo com o individual.

3.4.

Alexandria: a colônia grega

Para que possamos compreender a formação da colônia grega do Egito e, sobretudo, a de Alexandria – cidade onde essa colônia mais floresceu – é inevitável abordar, posto que muito brevemente, a história dessa região do

⁸¹ TRIMI, Katerina e Yannakakis: Les Grecs: La “Parikia” d’Alexandrie in R. ILBERT e I. YANNAKAKIS: *Alexandrie 1860-1960*. p. 82

⁸² YOURCENAR, Marguerite: *Présentation Critique de Constatin Cavafy*. p. 27

Império Otomano. O Egito era uma das partes submetidas à Sublime Porta, desde que o sultão otomano, Selim I, em 1517, derrubou o Sultanato dos Mamelucos. Os mamelucos poderiam ser considerados como uma categoria étnico-militar, formada de turcos e circacianos. Eles aparecem na história do Egito a partir do século XIII. Trata-se de escravos que formam, em um primeiro momento, a guarda pessoal dos sultões aiúbidas. No entanto, conquistarão notável poder e temível fama, o que os conduzirá, finalmente, a se tornarem senhores do Egito e, por conseguinte, a fundarem o Sultanato Mameluco do Egito, em 1250, que perduraria até a invasão otomana de 1517. Mas o poderio da Sublime Porta, cada vez mais enfraquecido, abria espaço para constantes revoltas dos mamelucos que, então, já se achavam sob domínio otomano. Após a expedição napoleônica, entre 1798 e 1801, que já prenunciava o imperialismo do século, o caos voltaria a reinar no país do rio Nilo.

Mas um chefe militar, de etnia albanesa ou turca, nascido na cidade macedônica de Kavala, que lutara sob a bandeira otomana contra as tropas do grande corso, irá surgir e marcar de forma indelével a história do Egito. Esse era Muhammad Ali: “homem inculto, de origem camponesa, aprendera a ler com mais de quarenta anos e tudo que buscava nos livros eram informações sobre as artes de governar e guerrear.”⁸³ Mas Muhammad Ali almejava dar estabilidade e modificar aquela província otomana, distante da capital dos sultões, fazendo com que o Egito entrasse no concerto das nações industrializadas. Ao prometer trazer estabilidade para a tumultuada realidade egípcia, Muhammad Ali conseguiu, em grande parte, o apoio da população que já se exaurira durante décadas, na sucessão caótica de golpes e revoltas. Em 1805, Muhammad Ali consegue que o poder central otomano conceda-lhe o título de *wali* do Egito, vice-rei; a partir daí, com mão enérgica e sanguinária põe em marcha uma série de mudanças: dizimou os mamelucos; apropriou-se de todas as terras; reformou o exército; incentivou a instalação de fábricas; em suma: “quando morreu, em 1849, havia praticamente sozinho modernizado o Egito, uma província atrasada e isolada do Império Otomano.”⁸⁴

⁸³ ARMSTRONG, Karen: **Em nome de Deus**. p.138.

⁸⁴ ARMSTRONG, Karen: **Em nome de Deus**. p.138.

Nesse processo de modernização, o vice-rei do Egito deu um especial incentivo para o cultivo do algodão, o que se tornará uma das maiores fontes de riqueza do país. Muhammad Ali, ao empreender esse amplo e drástico movimento, far-se-á, da mesma forma, o grande incentivador da implantação de imigrantes no vice-reinado. Uma comunidade aí haverá de sobressair, ter grande e longa fortuna: será a comunidade grega. Alexandria é o *locus*, por excelência, desse novo Egito, gerado a partir dos projetos de Muhammad Ali:

Foi preciso a chegada ao poder do vice-rei Muhammad Ali para que fôssem empreendidos os trabalhos necessários para o restabelecimento do porto. Durante quase trinta anos, entre 1810 (primeiras realizações nas fortificações) e 1839 (enfrentamento direto com o sultão), o objetivo do vice-rei jamais se desviou. Sem cessar, ele buscou reforçar uma posição marítima que sua ambição fazia essencial. Ao levar água doce para Alexandria, ao abrir o canal Mahmudiah (1819), ele fez dessa a peça principal de um dispositivo militar único no Mediterrâneo Oriental. Dotada de um cinturão duplo de muralhas, de casernas e de um arsenal (1829), Alexandria encontrou novamente seu lugar. O vilarejo adormecido animou-se: quando da morte do vice-rei, contavam-se mais de cem mil habitantes entre os muros que ficaram muito pequenos.⁸⁵ (A tradução é nossa.)

O crescimento demográfico de Alexandria é verdadeiramente vertiginoso: em 1820, há aproximadamente 13 000 habitantes; em 1840, 100.000; em 1865, 180.000; em 1872, 213.000; em 1897, 320 000 e, finalmente, em 1927, 573.063⁸⁶. Para que possamos ter uma ideia do que tais números representavam, talvez seja interessante traçar uma comparação com a cidade de São Paulo, que possuía nesse

⁸⁵ “Il a fallu l’arrivée au pouvoir Du vice-roi Muhammad Ali pour que soient entrepris les travaux nécessaires au rétablissement du port. Durant près de trente ans, entre 1810 (premières réalisations sur les fortifications) et 1839 (affrontement direct avec le sultan d’Istanbul), l’objectif du vice-roi ne s’est jamais infléchi. Il a sans cesse cherché à renforcer une position maritime que son ambition rendait essentielle. En rendant l’eau douce à Alexandrie, par le creusement du canal Mahmudiah (1819), il en a fait la pièce maîtresse d’un dispositif militaire unique en Méditerranée orientale. Dotée d’une double enceinte de murailles, de casernes et d’un arsenal (1829), Alexandrie a retrouvé sa place. Le village assoupi s’est animé : à la mort de vice-roi on comptait plus de cent mille habitants entre murs devenus bien trop petits.” ILBERT, Robert: Le symbole d’une Méditerranée ouverte au monde. In: R. Ilbert e I. Yannakakis: **Alexandrie 1860-1960**. p.13

⁸⁶Cf. : Ilbert, Robert: Une certaine cidadinité. In: R. Ilbert e I. Yannakakis: **Alexandrie 1860-1960**. p.25.

mesmo período números populacionais próximos aos de Alexandria: 1872, 231.385 habitantes; em 1900, 239.820 e, em 1920, 579.033⁸⁷.

Alexandria era uma cidade cosmopolita, mas isso não queria dizer que os habitantes integravam-se plenamente. O respeito pelas diferenças e a convivência existiam, o que pode ser constatado pela fundação da municipalidade autônoma, em 1890, composta pelos notáveis da cidade, que eram das mais diversas origens étnicas. Mas os diferentes grupos permaneciam com as respectivas instituições comunitárias: clubes, hospitais escolas. Os que possuíam nacionalidade de países como França, Grécia, Inglaterra e Estados Unidos conservavam os direitos de cidadãos estrangeiros, o que equivale a dizer que gozavam de imunidade perante as leis egípcias; viviam no Egito como se estivessem a viver fora dele. Tal situação perdurou até o fim do sistema de Capitulações, em 1937. O seguinte relato esboça como funcionavam as Capitulações:

Os estrangeiros estabelecidos [no Egito] gozavam da totalidade dos direitos dos quais se beneficiavam em sua pátria: somente suas leis nacionais, à exclusão de todas as leis egípcias, eram-lhe aplicáveis em virtude do princípio de extraterritorialidade. Em nenhum caso eles deveriam estar submetidos, contra sua vontade, à justiça local; eles eram, em princípio, isentos dos impostos locais e deviam pagar somente algumas taxas, depois que os respectivos governos tivessem, por acordo formal, aceitado uma especial solicitação do governo egípcio. Enfim, eles guardavam suas nacionalidades de origem, de pai para filho, em virtude do *jus sanguinis* e, em nenhum caso, o *jus soli* não podia ser aplicado a esses. [...] Em resumo, os estrangeiros que viviam no Egito eram considerados legal, judicial, financeira e administrativamente, e também do ponto de vista religioso, como se jamais tivessem deixado a pátria mãe.⁸⁸ (A tradução é nossa)

⁸⁷ Cf. **Histórico demográfico do Município de São Paulo**. Tabela: População nos Anos de Levantamento Censitário. Município e Região Metropolitana de São Paulo, Estado de São Paulo e Brasil 1872 a 2000. Prefeitura de S. Paulo. Acesso em 3 de junho de 2009: http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/tabelas/pop_brasil.php

⁸⁸ “*Les étrangers établis [en Égypte] jouissaient de la totalité des droits dont ils bénéficiaient dans leur patrie : leurs lois nationales seules, à l'exclusion de toutes les lois égyptiennes, leur étaient applicables en vertu du principe de l'extraterritorialité. En aucun cas, ils ne devaient être soumis, contre leur gré, à la Justice locale ; ils étaient en principe exemptés des impôts locaux et ne devaient payer certaines taxes qu'après que leur gouvernement eût, par un accord formel, accédé à une demande spécialement établie par le gouvernement égyptien. Enfin, ils gardaient leur nationalité d'origine, de père en fils, en vertu du jus sanguinis et, en aucun cas, le jus soli ne pouvait s'appliquer à eux. [...] En un mot, les étrangers vivant en Égypte étaient considérés légalement, judiciairement, financièrement, administrativement et au point de vue religieux, comme s'ils n'avaient jamais quitté la mère-patrie.*”Groupe d'Études de l'Islam, L'Égypte indépendante, Paris, 1938, p. 116 apud Abécassis Frédéric et Le Gall-Kazazian, Anne : L'identité au miroir du droit. Le statut des personnes en Égypte (fin xix^e - milieu xx^e siècle). **Égypte/Monde arabe** 1992.

Hadziiossif assinala a íntima relação que se estabeleceu entre os membros da comunidade helênica e a política de Muhammad Ali. Segundo o historiador grego, o vice-rei conseguiu tirar a economia do Egito do âmbito do Império Otomano e dimensioná-la para o exterior. Os gregos possuíam uma ampla rede de contatos espalhada pelo Mediterrâneo e também pela Europa do Leste, onde havia pequenas colônias gregas na região danubiana. Esse complexo de relações, que se estendia em diferentes direções, encontrava um dos seus principais pontos de apoio nas igrejas ortodoxas. Mas paulatinamente os membros laicos põem-se a construir instituições ancilares que não eram diretamente dirigidas pelo clero. Isso faz com que surjam verdadeiras comunidades dominadas pelos notáveis locais das comunidades helênicas, mas mesmo assim não deixavam de possuir certos elementos democráticos em suas organizações.⁸⁹

No caso do Egito, os gregos não representavam um grupo que pudesse ameaçar o poderio de Muhammad Ali. Nessa soma de pontos positivos, os imigrantes gregos e o governo do vice-rei solidificaram uma aliança que perduraria longamente, por mais que essa possa hoje nos parecer paradoxal. Não havemos de nos esquecer de que o mesmo Muhammad Ali — malgrado a grande autonomia no comando do Egito, continuava a ser oficialmente submisso à Sublime Porta, nominalmente um alto dignitário do sultão otomano — levantara armas, em nome da Sublime Porta, contra os insurgentes independentistas gregos de 1821. Hadziiossif afirma que os arautos da libertação da Grécia eram “originários na maior parte de camadas sociais inferiores.” Ora, os negociantes de grande monta, possivelmente, viam com melhores olhos a estabilidade oferecida pelo *wali* egípcio do que a aventura de independência na qual se lançavam os revoltosos do continente. Afirma Hadziiossif:

É a política de Muhammad Ali que abre ao exterior o espaço econômico do Império Otomano e permite o desenvolvimento das trocas com os países ocidentais. Os negociantes gregos seguiram e não iniciaram o movimento, mas chegados ao Egito, com uma rede de relações comerciais com os grandes centros econômicos do Mediterrâneo, eles se tornam o principal instrumento da nova política. Frequentemente, a colaboração entre Muhammad Ali e os negociantes gregos ultrapassa o domínio comercial e toma um caráter político. Aí ainda os negociantes gregos mostram-se **intermediários inestimáveis**. Os gregos permanecem fiéis a Muhammad Ali, durante todas as crises que o opõem à Porta e às potências ocidentais. A colaboração deles não é nem mesmo afetada pela guerra

Cf. HADZIIOSSIF, Christos: **La Colonie Grecque em Egypte” (1833-1856).**⁸⁹

de independência da Grécia, à qual Muhammad Ali, enquanto vassalo da Porta, participa contra os insurretos.⁹⁰ (A tradução e os grifos são nossos.)

O papel de intermediação político-econômica entre o Egito e os países ocidentais foi desempenhado, em grande parte, pelos gregos estabelecidos em terras egípcias. Talvez a intermediação possa ser estendida a outras áreas da experiência humana. Acreditamos que a comunidade grega intermediou, além desse âmbito mais estritamente político-econômico, aquele do *modus vivendi* em geral. Os gregos passaram séculos sob dominação otomana, obviamente uma série de influências resultou dessa multissecular convivência. Como exemplo, basta lembrar da posição ambígua da elite fanariota – a qual já analisamos algumas páginas atrás – perante o governo otomano: ao mesmo tempo grupo subjugado e baluarte do *status quo*.

Os gregos estavam bem mais próximos de certos traços culturais comuns às sociedades dos países da Europa Ocidental do que os povos de religião muçulmana, que compunham não só a etnia dirigente do Império Otomano, mas a maioria da população do Egito. A Igreja Ortodoxa, apesar de ser separada da Igreja Católica, possui um núcleo essencial em comum com essa; ambas são igrejas cristãs que, até 1053, estiveram unidas. Diga-se de passagem, que até os dias de hoje os sonhos de reconciliação entre as duas igrejas subsistem. Mas é preciso ressaltar que não somos reducionistas, quando afirmamos o fato de gregos e europeus ocidentais compartilharem a mesma tradição cristã, como traço facilitador de uma possível intermediação. Não se trata de uma relação de causa e consequência direta, remetemo-nos ao fator religioso naquilo em que ele mais se liga à identidade cultural, nesses tácitos lastros, meio conscientes, meio inconscientes, que permeiam as mentalidades dos grupos humanos. O cargo de grande *dragoman* é extremamente simbólico do espaço de intermediação entre

⁹⁰ “C’est la politique de Muhammad Ali qui désenclave l’Egypte de l’espace économique de l’empire ottoman et permet le développement des échanges avec les pays occidentaux. Les négociants grecs ont suivi et non initié ce mouvement, mais arrivés en Egypte avec réseau de relations commerciales avec les grands centres économiques de la Méditerranée ils deviennent le principal instrument de la nouvelle politique. Souvent, la collaboration entre Muhammad Ali et les négociants grecs dépasse le domaine commercial et prend un caractère politique. Là encore, les négociants grecs s’avèrent des intermédiaires inestimables. Les Grecs restent fidèles à Muhammad Ali lors de toutes les crises qui l’opposent à la Porte et aux puissances occidentales. Leurs collaboration n’est même pas affectée par la guerre d’indépendance de la Grèce à laquelle Muhammad Ali en tant que vassal de la Porte prend contre les insurgés.” HADZIIOSSIF, Christos: **La Colonie Grecque em Egypte**” (1833-1856). p.496

dois mundos, que fora ocupado pelos gregos. O *dragoman* era literalmente o intérprete do sultão. A alocação de fanariotas nos postos e representações diplomáticas otomanos inscreve-se perfeitamente nesse contexto, da mesma forma que as redes comerciais formadas por gregos, que se espalhavam por diversas partes da Europa e do Oriente. Talvez, o próprio trabalho burocrático exercido por Kavafis, durante três décadas, em uma repartição pública da estrutura colonial do Império Britânico, relacione-se a essa nossa hipótese. Nesse caso, a potência colonial necessitava de quadros que pudessem preencher as necessidades administrativas: ora por que não utilizar membros de uma comunidade ocidental, ou ocidentalizada, residentes há tempos *in locu*?

3.5.

Konstandinos Kavafis: cidadão da sua história

Agora, nesta última parte deste nosso capítulo, que recebe o nome *Konstandinos Kavafis entre o Exílio do Espaço e o Exílio do Tempo*, adentraremos no mais factual da biografia de Kavafis. Nas partes anteriores do capítulo que agora finda, tentamos abordar alguns pontos da história dos gregos modernos. Especialmente, demos ênfase à situação dos gregos de Constantinopla durante o período Otomano, assim como, à *kinótita* de Alexandria. Nossa atenção voltou-se para o todo coletivo, no qual o homem Kavafis inseria-se. No fechamento deste terceiro capítulo, poder-se-ão identificar os laços de pertencimento de Konstandinos Kavafis, dentro da história de seu povo e da comunidade grega de Alexandria, onde vivera. Mas por que razões haveríamos de abordar o homem Kavafis? E, por que haveríamos de tentar relacionar esse mesmo homem à história e à sociedade que o cercou? Acreditamos que homem e obra são inseparáveis. Nenhuma obra é gerada à parte, em uma redoma de vidro, isolada de qualquer tipo de contaminação com o tempo e com o lugar onde foi escrita. Da mesma forma que nenhum homem — e, logo, nenhuma de suas obras — tem o privilégio de se dizer fora e imune à história. Os liames entre esses podem ser conscientes ou inconscientes, perceptíveis ou não ao pesquisador, mas isso não faz com que deixem de existir. O crítico literário até pode abster-se de olhar além do texto, mas o historiador não. Toda obra literária, ao ser abordada pela história, é a misteriosa interseção entre o que há de mais particular e

idiossincrático naquele escrito, que se põe diante de nossos olhos, e a irresistível força do tempo na qual ela se insere e do mundo que a circunda. A delicada questão que se coloca não é tanto a natureza desses laços, mas, sobretudo, a maneira como eles se dão; em outras palavras: Até que ponto e como um texto literário carrega em si a história que o precede e a do seu próprio tempo?. Com toda certeza, cabe ao historiador escolher o recorte analítico, através do qual lerá o documento. Não havemos de esquecer que para o historiador sempre haverá, antes de mais nada, de uma forma ou de outra, documentos, vestígios legados por Homens e tempos pretéritos. Para o olhar da história tudo que é produzido pelo Homem é, antes de mais nada, documento.

Conta-se que um antigo membro da família Kavafis, chamado Ianis Kavafis, fora um dos governadores fanariotas da cidade Iași, no então principado romeno da Moldávia. Ianis Kavafis depois teria residido em Viena, talvez, em algum cargo diplomático do Império Otomano. Corria a lenda entre a família Kavafis, já nos tempos do poeta alexandrino, que essa personagem teria sido agraciada, na corte austríaca, com um título de nobreza. Uma das sobrinhas de Konstandinos Kavafis, curiosa de saber por quais razões a família não utilizava, até os dias de hoje, a titulação, teria indagado ao poeta. Esse teria dado uma resposta espirituosa, alegando que: “Aos gregos não agradam essas coisas”, mas, em seguida, lamentaria: “Os escrivães poderiam ter evitado uma coisa desse tipo”.

A anedota acima nos é contada pelo escritor inglês e biógrafo de Kavafis, Robert Lidell. Em seguida, Lidell cometa: “Talvez o título não fosse autêntico; talvez Ianis não fosse um antepassado direto ou, se o fosse, pode ser que seus herdeiros fossem um ramo mais velho da família”⁹¹. Seja como for, o importante é apreender o imaginário da história familiar, que era compartilhado pelos Kavafis. E, ainda que alguém viesse a duvidar da autenticidade do diálogo entre tio e sobrinha, mesmo assim, ele nos transmitiria o reflexo de uma possibilidade de diálogo que bem poderia ter ocorrido e se encaixaria no espírito de Konstandinos Kavafis. Possibilidade que, muitas vezes, é captada pela imaginação dessas anedotas cheias de *verve* que, geralmente, envolvem os homens de letras e as personagens históricas.

⁹¹ LIDDELL, Robert: **Kavafis una biografia**. p. 29

Mas não temos em princípio razões para duvidar da anedota narrada por Robert Lidell, justamente por ela se adequar com perfeição à imagem que o poeta fazia de suas origens. O que sabemos com segurança é que Kavafis fez pesquisas sobre sua genealogia, quando morou em Constantinopla, pois anotara as informações transmitidas por Iorgos Fotiadis, seu avô materno, e por Roxana Plesos, sua tia por parte de pai.⁹²

A história pessoal de Konstandinos Kavafis liga-se intimamente à história maior, no sentido coletivo de seu tempo. Ao abrir este capítulo, mencionamos o relato de Hobsbawm e conjecturamos que Kavafis também estava inserido nesse mundo dos impérios coloniais do século XIX, quando as economias do mundo uniam-se e se tornavam interdependentes ao sabor das indústrias, das linhas de trem e demais ousadias da engenharia que se faziam sentir nos mais distantes rincões da face da terra.

O pai de Konstandinos Kavafis, Pétros Ioánnis Kavafis (*Πέτρος Ιωάννης Καβάφης*), que nascera em 1814 em Tessalônica, mas como já mencionamos era de sangue fanariota de Constantinopla, foi um típico homem de negócios de meados dessa centúria. Pétros Ioánnis foi na juventude trabalhar com o irmão que residia na Inglaterra. No reino da Rainha Vitória, o pai do poeta residira: “[...] três anos em Manchester, dois em Londres e uns cinco anos entre Manchester e Liverpool, regressando a Londres em 1846 [...] trabalhou para Ionides and Co. Em 1849, ele e seu irmão estabeleceram-se como Cavafy Bros.”⁹³. No mesmo ano de 1849, Pétros-Ioánnis retorna a Constantinopla, onde irá casar-se com Haríclias Fotiádi (*Χαρίκλεια Φωτιάδη*)⁹⁴, que será a mãe do poeta alexandrino. Hariclías era filha de um comerciante de diamantes do Fanar, Ieorgákis Fotiádis (*Γεωργάκης Φωτιάδης*). No ano de 1850, o casal Kavafis instala-se na Inglaterra.

⁹² Existe uma publicação intitulada *σημειώσεις από την γενεαλογία του κ. Π. Καβάφη*, editada na Grécia, pelo Arquivo de Literatura Grega e Histórico, em 1983, na qual há a reprodução fac-similar das anotações de Kavafis sobre sua genealogia. Infelizmente, não foi possível obter a tempo tal publicação.

⁹³ LIDELL, Robert: **Kavafis uma biografia**. p. 29

⁹⁴ Os autores transliteram, transcrevem e até traduzem o nome de Hariclías das mais diversas maneiras, geralmente, influenciados por suas respectivas línguas. Podemos encontrar, por exemplo, Jariclia (espanhol); Chariclée (francês); Hariclea (português). Nossa opção foi de tentar aproximar-se o máximo possível da pronúncia grega, o que nos levou a transcrever o som aspirado da letra grega “χ”, como um “H” aspirado. É costume na Grécia que as mulheres tragam o seu sobrenome no genitivo. No caso da mãe de Kavafis, o nome de família é *Φωτιάδης*, logo perde o sigma final, para indicar o genitivo. Em uma tradução literal, seria como dizer “Haricleas do Fotiadis”.

Segundo Lidell, foi depois de 1854 que a família Kavafis teria se fixado definitivamente em Alexandria; já para Castillo Didier teria sido no ano de 1850.⁹⁵ Pétros Ioánnis Kavafis será um dos maiores comerciantes de Alexandria, a família viverá nessa cidade às largas e toda boa sociedade passará pela casa dos Kavafis. Assim, o poeta nos descreve o fausto da casa paterna: “sua casa tinha um professor de Francês, uma nurse inglesa, criados gregos até quatro ou cinco, fora o cocheiro italiano e o auxiliar egípcio. Os móveis, as carruagens, as baixelas de prata, os cristais eram de um luxo então raro entre os gregos.”⁹⁶ Pétros Ioánnis Kavafis — no mesmo ano de abertura do Canal de Suez — chegaria a ser galardoado pelo vice-rei do Egito, Ismail Paxá, neto de Muhammad Ali — pelo seu exitoso trabalho na indústria e no comércio. Kavafis, ao mencionar o destaque de sua mãe na sociedade alexandrina da época, nos deixa entrever mais um pouco do estilo de vida que então levavam:

A sociedade alexandrina rapidamente reconheceu Haríclias Fotiadi como uma das mais belas mulheres de Alexandria. Algumas de suas fotografias, apesar da forma insatisfatória como tiravam as fotografias nessa época, mostram que era realmente uma mulher bela. Quando ela chegou pela primeira vez em Alexandria, era vice-rei Said Paxá. Quem o sucedeu foi Ismail Paxá, esse mantinha no Cairo uma corte europeizada e em todas as recepções dessa corte, a senhora Kavafis era distinguida pelo vice-rei, que muito frequentemente oferecia-lhe o braço. A primeira casa em que viveu estava na Grande Praça. Depois se mudou para a Rua Cherif Pachá, uma casa de 14 cômodos, onde se dava o encontro de toda melhor sociedade alexandrina. Todos os verões iam à Europa com seu marido e, assim, visitou a maioria das cidades da Itália e da França [...]. Foi também a Corfú e a Malta [...].⁹⁷ (A Tradução é nossa.)

Mas o poeta pouco desfrutou dos tempos de fausto da família Kavafis, pois seu pai, Pétros Ioánnis, veio a morrer em 10 de agosto de 1870 aos cinquenta e seis anos de idade, quando Konstandinos contava sete anos. A partir daí, as condições financeiras dos Kavafis vão, pouco a pouco, degradando-se, embora sempre continuassem a frequentar a boa sociedade alexandrina de então. Em 1872, a viúva Haríclias parte para a Inglaterra, onde alguns dos filhos mais velhos trabalhavam na Cavafy and Co.. Essa mudança possibilitou que Kavafis tivesse

⁹⁵ Cf.: LIDDELL, Robert: **Kavafis una biografia** p. 32; CASTILLO DIDIER, Miguel: **Kavafis Íntegro**. p. 323.

⁹⁶ KAVAFIS; Genealogia, p.106 in KARAYANIS, V.: Notas da Genealogia de Kavafis apud CASTILLO DIDIER, Miguel: **Kavafis Íntegro**. p. 141.

⁹⁷ KAVAFIS; Genealogia, p.106 in KARAYANIS, V.: Notas da Genealogia de Kavafis apud CASTILLO DIDIER, Miguel: **Kavafis Íntegro**. p. 141.

uma formação inglesa, pois residiria primeiro em Liverpool e, depois, em Londres dos nove até os catorze anos, aproximadamente. O maior golpe financeiro viria entre os anos de 1874 e 1876, esse último culminou com o fechamento da Cavafy and Co. , provavelmente por causa de má administração dos filhos mais velhos, que comandavam os negócios deixados por Pétros Ioánnis Kaváfis.⁹⁸

Pode ser que Haríclias, decepcionada com os reveses financeiros, tenha se decidido por voltar a Alexandria. O que podemos afirmar é que, em 1879, Haríclias e parte da família fixam residência no endereço alexandrino “32, rue de Ramleh”. Na sua cidade natal: “Konstandinos prosseguiu estudos no liceu comercial grego Hermes e recebeu, além disso, lições de idiomas em casa.”⁹⁹

Mas é em meados do final da década 70 e do início da de 80 do século XIX, que começa a despontar o nacionalismo árabe no Egito. A crise financeira que obrigara Ismail Pachá, vice-rei do Egito e neto de Muhammad Ali, a vender as ações do Canal de Suez para a Inglaterra e a subsequente forte intervenção da França e da Coroa Inglesa nas finanças do Egito corroboraram para o despertar do movimento nacionalista de Arabi Pachá, que acaba por ascender ao Ministério da Guerra em 1881. Em Alexandria, no dia 11 de junho de 1882, teve início um distúrbio que, segundo Lidell: “[...] originou-se por causa de uma briga entre um maltês bêbado e um menino árabe estúpido na rue des Sœurs [...]”¹⁰⁰, quando alguns cristãos foram mortos. O próprio cônsul britânico, Sir Charles Cookson, teria sido ferido. A apreensão intensificou-se com a possibilidade de um iminente bombardeio pelas forças de S.M Britânica. Milhares de estrangeiros teriam deixado o Egito naqueles dias, entre eles a família Kavafis. De fato, em 11 de julho, Alexandria foi bombardeada pela frota naval, sob o comando do Almirante Seymour.

As vicissitudes da história permitiram que Kavafis passasse alguns anos na terra de seus antepassados. O jovem Konstandinos deixou transparecer a grande expectativa, que, então, parecia inflamar o seu espírito, quando escreveu, talvez a bordo do navio que o conduzia à antiga capital de Bizâncio: “Para o Norte! Para o Norte! Para a grande cidade na qual meus ancestrais prosperaram, poderosos e

⁹⁸ Cf. LIDELL, Robert: p.36-38 e CASTILLO DIDIER, Miguel: 16-17 e 323.

⁹⁹ CASTILLO DIDIER, Miguel: **Kavafis Íntegro**. p.16

¹⁰⁰ LIDELL, Robert: **Kavafis una biografia**. p.41.

abundantes, para o Norte!”¹⁰¹. Os Kavafis irão residir na casa do pai de Haríclias, na localidade de Yeniköy, nas imediações de Constantinopla. O poeta aí permanecerá de 1882 até 1885, quando retornará definitivamente para Alexandria. Haas assim caracterizou esse período na vida de nosso autor:

Pode-se imaginar, assim como já o fizeram outros comentadores, o papel importante que desempenhou a estada em Constantinopla na tomada de consciência da sua descendência bizantina. Seu avô materno, Jorge Photiadès [sic], revelou-lhe as relações íntimas que ligavam a família à Igreja: “Os Kavafis eram os fundadores ou entre os fundadores da igreja de São Constantino em Psomathis. Eis – se não me engano – o que aprendi de Georgakis Fotiades [sic] (meu avô do lado materno), quando eu era jovem. [...] Na casa deles eram acolhidos e instalados os patriarcas de Jerusalém e de Antioquia.”¹⁰²

Já em Alexandria, o poeta começa a trabalhar, em 1889, no Escritório de Irrigação do Ministério de Obras Públicas, uma repartição pública do governo inglês, que, desde os distúrbios de 1882, havia ocupado o Egito. Nesse trabalho burocrático passaria mais de três décadas, só vindo a deixá-lo em 1º de abril de 1922. Conta-se que naquela ocasião, já livre de suas funções no escritório, o poeta teria dito: “Enfim vejo-me livre dessa asquerosidade.”¹⁰³

Kavafis nunca publicou seus poemas em formato de livro. O mais próximo desse tradicional suporte foram dois opúsculos impressos: um, em 1904, com 16 folhas e com 14 poesias, do qual Kavafis distribuiu somente 73 exemplares; em 1910, publicou o mesmo opúsculo acrescido de mais sete poemas, o que resultou em 24 folhas. Desse o poeta distribuiu 182 exemplares.¹⁰⁴

O grande meio de divulgação da obra kavafiana, enquanto o poeta vivia, foi a publicação de poemas em jornais e revistas de língua grega do Egito, da Grécia da Alemanha e da Turquia. Mas o mais peculiar e interessante meio de divulgação adotado pelo poeta, e provavelmente o mais utilizado, foram as *feuilles volantes*. Tratava-se de folhas soltas, às vezes agrupadas em pequenas coleções, que poderiam ser escritas à mão ou impressas, e que eram enviadas, da mesma forma

¹⁰¹ “Northward ho! Northward ho! For great city in which my ancestors have flourished, powerful and generous, Northward ho!” A sugestiva frase pertence a um diário de juventude de Kavafis, que fora por ele mesmo intitulado *Constantinopoliad na Epic*. A frase é citada por Diana Haas cf. HAAS, Diana: **Le problème religieux dans l’œuvre de Cavafy: les années de formation (1882-1905)**. p.3.

¹⁰² HAAS, Diana: **Le problème religieux dans l’œuvre de Cavafy: les années de formation (1882-1905)**. p.34

¹⁰³ LIDELL, Robert: **Kavafis una biografia**. p. 205.

¹⁰⁴ CASTILLO DIDIER, Miguel: Las ediciones de Kavafis in **Kavafis íntegro**. p.p.273-286.

que os opúsculos, para amigos e admiradores do poeta alexandrino. Foi somente após a sua morte – que ocorreu exatamente no dia de seu aniversário de setenta anos, 29 de abril de 1933 – que seus amigos e herdeiros, o casal Alékos Senghopulos (Αλέκος Σεγκόπουλος) e Ríka Senghopulu (Ρίικας Σεγκόπουλου), publicariam, seguindo a escolha de Kavafis, os 154 poemas que compuseram a primeira, e tão célebre, edição de 1935, da Sociedade de Escritores de Alexandria. Os poemas que constavam nesse livro acabaram por ser conhecidos como canônicos. Os restantes só viriam a ser publicados, de forma esparsa, muito tardiamente ao longo das décadas.